



POR QUÊ

semana de teatro
dedicado à infância
e juventude

CONVERSA: PORQUÊ O TEATRO PARA
INFÂNCIA E JUVENTUDE? 2018

Soraia Pires - A Academia Livre de Artes Integradas do Mindelo (ALAIM) nasceu em janeiro de 2015 fruto do Festival de Teatro Mindelact e graças ao trabalho desenvolvido por várias entidades da cidade cabo-verdiana Mindelo, nomeadamente, o Centro Cultural Português (CCP) e o Centro Cultural do Mindelo (CCM).

Esta cidade é identificada como uma capital cultural, não obstante, enfrenta várias lacunas de ofertas culturais: não apresenta infraestruturas suficientes e preparadas para o acolhimento de projetos artísticos. Estes não deixam de existir, contudo, são muito pontuais, o que faz com que haja uma grande adesão do público.

Efetivamente, não há uma grande oferta, principalmente, a nível

formativo. Daí nasceu a ideia de criar a ALAIM, uma academia que oferecesse formação, em diversas áreas artísticas, a pessoas de todas as idades e estratos sociais e que apresentasse projetos, tanto de artistas emergentes, como de artistas mais experientes. Por exemplo, além das aulas de teatro e de dança, a ALAIM faz imensas residências com artistas que se apaixonam pela causa e acabam por se voluntariar e oferecer essa parte formativa.

A sua presença acabou por ter um impacto maior no público infantojuvenil, principalmente em junho. Aqui (Portugal), nós celebramos o Dia da Criança; lá (Cabo Verde) todo o mês é-lhe dedicado. Há essa preocupação em realçar a importância do papel dos mais novos na sociedade, tanto que no

dia 1 de junho ninguém vai à escola, ninguém trabalha: é feriado.

Há muito esse cuidado, mas não havia qualquer oferta para os mais pequenos durante o mês de junho. Assim que surge a ALAIM, organiza-se a 1.ª Edição da Mostra Internacional de Teatro Infantil (MOTIM) em Junho de 2015, que aconteceu só no Mindelo para cerca de 500 crianças; na 2ª edição já conseguiu ampliar-se até à Cidade da Praia, onde chegámos a 900 crianças; na 3ª edição ampliou-se até às zonas piscatórias – uma grande conquista porque se conseguiu levar os espetáculos às praias, aos mercados e aos portos onde os miúdos estão a trabalhar com os pais. Crianças que, de repente, param os seus afazeres para irem ver uma peça, 90% delas pela primeira vez. É preciso que o teatro invada o espaço delas para que este encontro aconteça.

O MOTIM tem como princípio não só oferecer peças de qualidade às crianças, como também desconstruir esta distância entre a plateia e o palco, para que sintam que podem fazer parte daquele processo. Efetivamente, houve uma grande adesão, tanto ao Motim quanto à ALAIM, porque de um público de 200 crianças, aproximadamente 20 quiseram contactar a academia para integrar as aulas - ou de expressão corporal, ou canto, ou dança-. Mais tarde tivemos a nossa 4.ª edição, que contou com a presença da Fértil Cultural e chegámos a 2mil e 100 crianças. Foi uma loucura!

Apaixonei-me por tudo isto, voltarei em junho (2019) para fazer a produção da 5ª

edição do Motim. É, de facto, um festival - em língua portuguesa - de grande qualidade que privilegia a criação cabo-verdiana e que, simultaneamente, fomenta a ligação lusófona, contando com a presença de um grupo de Portugal e um grupo do Brasil em quase todas as edições.

Paulo Duarte – Primeiro de tudo quero agradecer, por parte do Teatro Montemuro, à Fértil por estarmos aqui presentes, hoje na conversa e amanhã com a apresentação do espetáculo.

Nós (Teatro Regional da Serra do Montemuro) somos uma companhia de teatro profissional de uma pequena aldeia, de 50 habitantes, chamada Campo Benfeito (Concelho de Castro Daire). Somos um grupo de 7 profissionais permanentes – a maioria nascida na aldeia - e tanto nos dedicamos ao teatro para a infância, como para o público em geral e também desenvolvemos espetáculos de rua. Normalmente, fazemos duas criações novas por ano e conseguimos mantê-las em cena o tempo suficiente – por norma dois anos - para as levar a todo o país e ao estrangeiro.

Nós só trabalhamos textos originais: um de nós tem uma ideia de criação e reúne a equipa artística que pretende para desenvolver o projeto. Apesar de sermos 7 pessoas, apostamos em criadores e dramaturgos externos à companhia e mantemos contacto com muitos criadores belgas, ingleses e portugueses também.

Normalmente, o nosso processo de

criação começa com um laboratório onde toda a equipa partilha ideias sobre o tema sugerido, durante 2 ou 3 dias. Posteriormente, o dramaturgo, a partir da informação recolhida em laboratório, tem 3 ou 4 meses para construir um texto, ou uma dramaturgia, dependendo do carácter do espetáculo. No entanto, há certos espetáculos, nomeadamente os espetáculos de rua, que são criados apenas com o encenador.

Temos o Festival Altitudes que já está na 21ª edição, acontece em agosto e no qual acolhemos companhias nacionais e internacionais de teatro e música. Com muito prazer nosso, a Fértil já apresentou um espetáculo o ano passado, a Neusa (Neusa Fangueiro, Fértil Cultural) já trabalhou connosco durante muitos anos.

Os espetáculos para crianças são muito interessantes de desenvolver porque são pensados para toda a família. Nós temos o cuidado de os dirigir para o público infantil, entre os 4 e os 10 anos, mas quando criamos, não nos preocupamos com a densidade do texto, preocupamo-nos sim com o teor da mensagem que queremos transmitir. Acima de tudo, somos contadores de histórias por isso é que optamos por textos originais e para nós, o mais importante é contar uma boa história.

No final das apresentações, atentamos muito mais no que a criança tem a dizer sobre o espetáculo, porque para ela não há filtros e o seu comentário, sobre o objeto artístico será sempre sincero. Além disso, ao contrário de um adulto, se tiver dúvidas, confronta-nos e

quase que nos obriga a ter as respostas. Pode não concordar e, se assim for, também o dirá. Isso é o que mais nos cativa! Os espetáculos de rua são algo semelhantes, porque aí o público exige de nós, obriga-nos a estar presentes e ativos. Na sua reação também é sincero e o mais importante é a sinceridade.

No Teatro Montemuro temos a preocupação de levar os espetáculos às escolas, adaptar o espaço de aprendizagem - a sala de aula - e proporcionar às crianças um dia diferente. Só no concelho de Castro Daire visitamos pelo menos 15 escolas. Podíamos trazê-los a um auditório ou ao nosso espaço para assistirem a um espetáculo, mas consideramos que estando no seu espaço, as crianças ficam mais confortáveis para formular o seu pensamento e fazer a sua crítica. Enfim, para nos cobrar, salvo seja! Isto é o que nos motiva a continuar! A nível nacional esta ligação - teatro/educação - é, a meu ver, muito pouco facilitada, infelizmente. Houve e ainda há um trabalho árduo a desenvolver pelo Teatro Montemuro junto das autarquias, no sentido de criar uma dinâmica de partilha e interação entre as escolas e o teatro.

Soraia Pires – Quando nós temos um público adulto a preocupação é “E se eles não reagem?”, quando estamos perante um público infantil a preocupação é contrária. Lembro-me de um grupo do Brasil ter trazido um projeto polémico aos nossos olhos: consistia numa simulação de uma fronteira entre o Brasil e o Perú. Havia

uma personagem feminina, que queria passar a fronteira, mas era impedida por uma personagem masculina e a resolução dava-se com a simulação de um ring. No fim da peça nós tivemos de esconder o ator de 250 crianças que queriam fazer justiça com as suas mãos. Pensámos: “Temos o MOTIM feito!”.

Neusa Fangueiro – A semana passada tive 300 miúdos a assistir ao espetáculo no anfiteatro, quando o espetáculo tinha sido pensado para um máximo de 100 pessoas. Comecei a cantar a música final e eles acompanharam-me, afinadíssimos e sem eu lhes pedir! Quando ligaram as luzes do público, apercebi-me que tinha 300 miúdos. Eles estavam comigo a ver o espetáculo e estavam muito envolvidos e absorvidos. Esta simbiose é tão boa e faz tanto sentido...

Rui Alves Leitão – Com a semana de teatro dedicado à infância - “Porquê?” - a Fértil Cultural pretende, principalmente, trazer novos conteúdos ao Vale do Este, por isso será também importante contextualizar o nosso percurso.

O nosso primeiro espetáculo foi criado para crianças e nasceu fruto de uma residência artística no Teatro Montemuro. Na altura em que a Fértil surgiu, nós estávamos em Campo Benfeito, onde fomos muito simpaticamente acolhidos na nossa primeira estreia.

Temos dois pontos ligados ao teatro para a infância e juventude: até aqui fomos

só criadores, agora – com o “Porquê?” - somos também programadores.

Nós somos científicos na forma como criamos. Em espetáculos como “Eu É Que Conto” e “Papim Papa Palavras” fomos tão cuidadosos que estudámos a dinâmica do texto e os seus pontos mais frágeis, onde a atenção e a concentração poderiam sofrer um défice. Interessa-nos construir momentos lúdicos que prendam a atenção e que, simultaneamente, ofereçam o tempo necessário para que as crianças pensem nas suas próprias vidas. As nossas histórias vão sendo moldadas por esses propósitos. O mesmo fazemos com os espetáculos para público em geral. No entanto, esse estudo, nos espetáculos para crianças, é mais intensivo porque, normalmente, estes têm uma duração mais curta, o que nos obriga a comprimir informação e a transmiti-la da maneira mais eficaz possível. O “Eu É Que Conto” é um bom exemplo. Foi criado por nossa conta e risco e é o nosso maior sucesso.

Neusa Fangueiro – Esse espetáculo foi criado com um olhar muito crítico do Afonso (filho da Neusa Fangueiro e do Rui Alves Leitão). Ele criticava “Porque fazes isto?”; “Porque fazes assim?”. Na estreia perguntei-lhe o que tinha achado e ele respondeu-me muito simplesmente “Estiveste bem.”. Com 4 anos o Afonso foi o meu encenador.

Rui Alves Leitão – Por norma, demoramos muito tempo a criar espetáculos porque somos muito minuciosos, estamos – mais a Neusa,

que é quem assume as criações para o público infantil - em permanente pesquisa sobre o que devemos ou não apresentar às crianças e escolhemos sempre pontos de partida inesperados, por exemplo o “Eu É Que Conto” é um conjunto de contos tradicionais portugueses e dos Irmãos Grimm contidos numa senhora bibliotecária. Para esse espetáculo misturámos conceitos, ideias e a Neusa foi recortando histórias e contando a sua própria.

Por agora, estamos a preparar a próxima produção para crianças “Os Grandes Não Têm Grandes Ideias” que estreará em junho do próximo ano (2019).

Neusa Fanguero – Nessa produção iremos trabalhar em parceria com o 1o Ciclo da Escola de Gondifelos. Sempre quisemos trabalhar com o público em prol da produção de um espetáculo, para beber dele ideias pertinentes que possam ser desmistificadas em cena.

Rui Alves Leitão – No caso da programação, foi um desafio. Nós somos privilegiados, porque os países são diferentes, as regiões são diferentes, as culturas são diferentes e nós aqui temos a bênção: está cá o Senhor Vereador da Cultura Dr. Leonel Rocha. É importante referir que a aposta do Município na área da Educação e da Cultura aqui em Vila Nova de Famalicão é muito grande, é notável e é reconhecida a nível nacional. Ainda assim, com todas estas apostas, existem carências que não se conseguirão suprir nem daqui a 100 anos.

Enquanto viajava, principalmente pelo interior, senti desde muito novo a assimetria do país e isso era algo que me incomodava. Sou natural de Vila Nova de Famalicão e quando voltei - depois de concluídos os estudos - e quando a Neusa chegou aqui pela primeira vez, percebemos que ainda havia zonas altamente ruralizadas. Zonas que não desenvolveram: há adultos que nunca viram uma peça de teatro, há crianças que nunca viram uma peça de teatro. Chegámos a receber aqui, na Casa da Pedreira (Sede da Fértil Cultural), o antigo Presidente da Junta de Gondifelos, que nunca tinha visto Jazz na vida e veio assistir a pelo menos 3 concertos.

Esta é uma preocupação que nós, Fértil, temos. O nosso nome vem da nossa vontade em fomentar a cultura. Somos agentes culturais e queremos provocar as pessoas com novos ritmos, novas ideias e novas ofertas que permitam atenuar as carências de que ainda há pouco falávamos.

Felizmente, o “Porquê?” foi muito bem recebido pelo Município. Nesta semana, que trabalhamos com as escolas em exclusivo, redobrámos a nossa perceção sobre a grande necessidade de continuar este projeto. Sabemos (a Fértil e o Município) que há mais freguesias a cobrir, porque o concelho é enorme, são 49 freguesias e é realmente necessária descentralização.

O “Porquê?” surge nesta nova etapa da Fértil na área da programação e sem ele seria impossível fazer este trabalho de desenvolvimento cultural local. Felizmente, não é o único projeto

educativo em Vila Nova de Famalicão, ainda assim espero que continue e que, a seu tempo, dê os seus frutos. Acredito que o teatro, tal como a música são potenciadores de um grande desenvolvimento pessoal, são o princípio da destruição de ideias pré-concebidas e do nascimento de uma sociedade mais responsável.

Soraia Pires – É uma palavra, que ainda não utilizámos neste contexto, o do “Porquê?” e que me parece importante abordar: responsabilidade. Em todos os trabalhos que desenvolvemos temos sempre uma grande responsabilidade sobre nós. Esta agrava-se quando se trata de crianças, porque elas são folhas em branco. Por exemplo, eu lembro-me de todas as peças que vi quando era pequena, o mesmo não digo das peças que vi já crescida. O vosso trabalho será impactante para estas crianças.

Rui Alves Leitão – Sim e é importante ressaltar que no “Porquê?” nós conversamos com as crianças antes e depois dos espetáculos, para que compreendam o significado de ir ao teatro e para que abracem - sem receios, nem preconceitos - a responsabilidade de se ser espetador. Não nos interessa que eles vejam só uma peça, não! No caso do “Porquê?” há um processo de serviço educativo.

Paulo Duarte – E existem várias maneiras de educar. Nós temos a responsabilidade de cativar, porque na memória de uma criança existe “Gostei”

ou “Não gostei” e se não gostou, não quererá voltar; um adulto pondera, dá o benefício da dúvida “Não gostei, mas já vi outros espetáculos desta companhia e gostei. Irei outra vez.”, tem resiliência... Alguns têm.

Rui Alves Leitão – Alguns, sim. O fenómeno que assistimos no teatro é generalização por parte de quem assiste, porque quando se vê um filme do qual não se gosta, diz-se: “Não gostei do filme.”, mas volta-se ao cinema. Quando se vê uma peça de teatro, diz-se: “Não gostei. Logo não gosto de teatro.”, não se volta. Esta generalização acontece porque as pessoas sentem que o teatro pertence a um estrato social que não é o delas e porque também consideram que este terá caído em desuso.

Soraia Pires – Como disse, em Cabo Verde não há muita oferta cultural. Não há cinemas... Mas há música! Há músicos fabulosos em toda a parte! Mas o teatro ainda é o programa; ainda é das primeiras artes; ainda é a forma como as pessoas tomam conhecimento da sua identidade e das suas raízes.

Leonel Rocha – Existe, há muito tempo, uma convicção clara – no contexto da política municipal – de que o teatro é, claramente, um caminho necessário do nosso crescimento enquanto sociedade e como cidadãos. Temos consciência de que o desenvolvimento do território se faz com pessoas. Se se faz com pessoas, o principal caminho é

o da educação. Assim sendo, a cultura em geral e o teatro em particular, aparecem aqui como algo intencional. Isto tem a ver com a sensibilidade: eu estive num grupo de teatro e esta arte sempre funcionou para mim como uma ferramenta. Eu fundei o grupo de teatro na escola - que ainda hoje existe - para a dinamizar; para cativar os alunos e para ajudar a desenvolver o projeto educativo. Quando, 6 anos depois, me vejo envolvido na lógica autárquica, esta presença do teatro no contexto escolar ficou-me, para sempre, como algo a estender a outras escolas. Hoje, cada agrupamento de escolas do município tem um grupo de teatro (do 1o ciclo até ao secundário). Na altura da quinzena da educação fazemos a Mostra de Teatro Escolar, para além disso, temos um curso profissional de teatro em Vila Nova de Famalicão e também está, neste momento, a ser objeto de experiência piloto o ensino articulado para teatro. A arte ajuda-nos a desenvolver o sentimento de respeito, o sentido estético e aguça a procura pelo belo. Uma comunidade é responsável pela educação: não ir ao teatro porque se resiste é diferente de não ir porque nunca se foi, não se tem esse hábito incutido, não se sabe ou não se conhece. Nessa perspetiva, nós temos obrigação de fomentar iniciativas como a do “Porquê?” e temos de pensar em estendê-las a outras realidades. O “Porquê?” será uma resposta, mais do que uma pergunta.

Abel Duarte – Sim, mas estamos a falar do teatro para a infância e para mim é algo mais. No meu ponto de vista, os primeiros culpados somos nós criadores. Porquê? Faz-me confusão encher um auditório com 400 crianças. Porquê? Porque não ajuda à concentração. Nós, agentes culturais, somos os culpados por colocar 400 crianças, no mesmo espaço, a assistirem a uma peça com 3 atores. É contraproducente. Quero com isto dizer que, se uma criação foi pensada para uma lotação de 60 crianças – e estou a falar apenas nos espetáculos para a infância - a entidade artística tem de manter o seu propósito e não abrir exceções. Porque se abrir, vai apresentar a 400 crianças o que devia apresentar a 60. Ora, se eu fizer 20 espetáculos para 40 crianças e 20 espetáculos para 400, no final, o número de crianças que acompanhou, compreendeu e absorveu a mensagem será muito maior nos grupos mais pequenos do que nos grupos maiores. Se eu quiser contar uma história, para 400 crianças, as que estiverem sentadas nas primeiras filas, terão uma experiência completamente diferente, das que estiverem sentadas na última fila e o meu objetivo como encenador é fazer com que, num espaço, uma história tenha a mesma expressão da primeira à última fila. Quando começámos com os espetáculos para a infância, tínhamos alguma dificuldade em encontrar escolas que se deslocassem ao nosso espaço, que tem uma bancada para 80 pessoas. Reparámos que os jovens, entravam e saíam da mesma forma.

Percebemos que não estava a resultar. Os alunos viam a ida ao teatro apenas como um mero escape da escola, equivalente a um intervalo. Mudámos a estratégia, passámos a receber apenas uma turma. De manhã apresentámos o espetáculo e à tarde trabalhamos com a turma sobre o mesmo. O resultado foi diferente, inevitavelmente. Eles não foram só ver um espetáculo.

Rui Alves Leitão – Sim e há uma diferença entre as companhias que primam pela criação artística, com responsabilidade cívica, cunhada de carácter educativo e a máquina do espetacular, que vende bilhetes e produz espetáculos para as massas.

Abel Duarte – Mas há espaço para todos.

Rui Alves Leitão – Claro que há! No entanto, sinto que há uma resistência por parte do público em aderir a atividades culturais e de educação. Já trabalhei com uma produtora de musicais infantis, cujos espetáculos eram, realmente, espetaculares: eu próprio nutria fascínio por toda a envolvente! Estivemos lotados todos os dias. Refiro estes casos porque o preço dos bilhetes é mais caro do que o preço dos bilhetes que uma companhia profissional pratica nas escolas. A Fétil, faz uma proposta de outro âmbito que não a do entretenimento exclusivamente. Conseguir que as escolas tenham abertura para nos receber ou para se deslocarem ao nosso espaço – ou a um espaço cultural -,

permitindo uma experiência educativa aos seus alunos, é um trabalho incessante; conseguir que famílias percebam a importância da cultura na vida e na educação dos mais novos, é um trabalho incessante.

Não deixo de me perguntar se o público será ou não capaz de distinguir entretenimento, de cultura e se, inclusive, será capaz de reconhecer a importância do segundo, que, nos dias de hoje, sobrevive no risco. Não que um seja superior ao outro, porque na vida, ambos são necessários.

Leonel Rocha – Sim, mas temos de saber qual é o nosso público alvo. Pode decidir-se por um público escolar e traçar o objetivo de fazer espetáculos apenas para uma turma de cada vez. Provavelmente, assim teremos poucos clientes. Como o público será de número reduzido, provavelmente haverá a necessidade de se fazer mais espetáculos. Se porventura o objetivo for desenvolver o gosto pelo teatro, querendo atingir o maior número de pessoas, provavelmente não poderei ter essa estratégia.

César Cardoso – Sim, mas aqui há duas vertentes completamente distintas: uma coisa é o objeto artístico em si, como ele é concebido e a eficácia do trabalho do artista face a esse objeto, outra coisa são as estratégias de programação. Agora, de facto, muita gente permite-se a levar enchentes e trabalha assim, comprometendo o trabalho de outras pessoas.

Rui Alves Leitão – O Dinis que é um espectador assíduo da Fértil terá um olhar externo sobre esta questão. Sentes diferença entre os espetáculos que vêes aqui na Casa da Pedreira, que tem um público de número reduzido e os espetáculos que vêes no grande auditório da Casa das Artes?

Dinis Campos – Sim, eu assisti ao espetáculo “Primavera” interpretado pela Neusa Figueiro e estava relativamente próximo e senti-me mais envolvido, havia mais interação do que no “Leandro, Rei da Hélíria” que estava sentado mais atrás e os actores interagem com a parte do público que estava mais próxima... A sala era grande.

Rui Alves Leitão – Quando se trata da comunidade, nós temos de estar preparados com todas as estratégias.

Leonel Rocha – Claro e uma delas será, por exemplo, trabalhar a consciência do professor para estas questões. Se reconhecer a importância do teatro, - na forma de serviço educativo - tomará a iniciativa de dinamizar atividades culturais para as suas turmas e convencerá os encarregados de educação de que determinada ida ao teatro com a escola é importante para a formação do seu educando. Poucos são os professores que têm esta consciência, porque na sua formação - e eu sou professor - não lhes foi apresentado o teatro como uma ferramenta de ensino.

Rui Alves Leitão – No caso da Fértil, quando criamos para determinado número de pessoas, mantemo-nos fiéis ao plano. Nomeadamente no “Conversas de Esquina”. Pensámos no espetáculo para um máximo de 80 pessoas e o programador confrontou-me com a pergunta “E se esgotar os 500 lugares disponíveis no auditório?”, aí respondi-lhe que a Fértil ofereceria os próximos espetáculos.

Leonel Rocha - Mas tens consciência de que não poderás fazer essa mesma proposta em qualquer auditório.

Rui Alves Leitão – Não, mas a partir do momento em que estreio um espetáculo, seguirá a informação, na ficha técnica, sobre o número máximo de espectadores aconselhável, ou permitido.

Leonel Rocha - A cultura não se mede apenas pelas receitas, mas logicamente que os teatros precisam delas para sobreviverem. Se uma sala alberga 500 lugares e a criação só aguenta 80 significa que aquele espetáculo não é tão rentável.

Rui Alves Leitão – Todos sabemos que os projetos artísticos de baixo orçamento trazem muitas vezes prejuízo aos teatros. Sendo assim, ainda bem que espaços como a Casa das Artes esgotam grandes auditórios com espetáculos para as massas, porque permite o investimento em trabalhos semelhantes ao nosso - que

com 100 pessoas a assistirem, se torna autossustentável, porque o seu custo é consideravelmente mais baixo em comparação com as mega produções de entretenimento -. Mas isto é, “se atingir lotação máxima”, porque na maior parte das vezes não atinge. A cultura - no caso dos projetos, em que se pretende um nível de eficácia diferente dos projetos para as massas - tem de ser inevitavelmente financiada, porque como a educação, nem sempre é autossustentável.

Leonel Rocha – Com certeza e a Casa das Artes tem feito por honrar o seu compromisso, consciente de que Cultura não se paga a si própria.

Cristiana Morais – Gostava só de acrescentar a minha experiência como espectadora. O teatro não é só assistir a um espetáculo, é uma experiência que tem de ser quantificada e qualificada. Quando se está numa plateia com imensos lugares, perde-se a experiência em comparação com uma plateia de número reduzido. Quando se fala em crianças e num público mais jovem, essa experiência é muito mais enriquecedora quando é feita de uma forma mais próxima. Eu, como adulta prefiro experiências intimistas porque considero que usufruo muito mais o que estou a ver, do que se estiver numa sala com 500 lugares, em que sou apenas mais uma. E isto num público infantil, como experiência, tem muito mais resultado a longo prazo e penso que é assim que, de facto, os espectadores

aprendem e apreendem.

Rui Alves Leitão – Para terminar, o “Porquê?” é um projeto que contém no seu âmago a tal eficácia, porque a Fértil tem por objetivo trabalhar pequenos públicos de cada vez para que, realmente, surta o seu efeito no futuro. Felizmente, na Casa das Artes temos uma oferta programática bastante ampla com espetáculos para todas as idades e para públicos grandes; o nosso foco não é esse, nem na criação, nem na programação, porque criamos com propósitos muito claros e com objetivos muito definidos.

Paulo Duarte – E cada companhia tem os seus. Há caminho e espaço para todas.

Soraia Pires – Quando falamos na criação de públicos, não estamos só a falar de público/ plateia, estamos a falar dos futuros agentes culturais que, de hoje para amanhã, estarão nas escolas e que, graças a projetos como o “Porquê?”, não enfrentarão certos entraves.



**FÉRTIL
CULTURAL**

Edição apoiada pela Direção Regional de Cultura do Norte



**REPÚBLICA
PORTUGUESA**

CULTURA

**α CULTURA
Δ NORTE ·**